

# A ESTÉTICA DIASPÓRICA DE CAROLA SAAVEDRA: ENTREVISTA\*

THE DIASPORIC AESTHETICS OF CAROLA SAAVEDRA: AN INTERVIEW

Vitor Cei\*\*

Luana Pagung\*\*\*

Andréia Delmaschio\*\*\*\*

Carla Piovesan da Silva\*\*\*\*\*

---

Carola Saavedra nasceu no Chile, em 1973, e mudou-se para o Brasil com três anos de idade, fixando-se no Rio de Janeiro. Escritora brasileira (por opção) e migrante, morou na Espanha, na França e na Alemanha, onde atualmente vive e trabalha como professora da Universidade de Colônia. Doutorou-se em Literatura Comparada na UERJ. Possui mestrado em Comunicação Social pela Johannes Gutenberg-Universität e graduação em Jornalismo pela PUC-Rio.

É autora dos romances *Toda terça* (Companhia das Letras, 2007), *Flores azuis* (Companhia das Letras, 2008; eleito melhor romance pela Associação Paulista dos Críticos de Arte, finalista dos prêmios São Paulo de Literatura e Jabuti), e *Paisagem com dromedário* (Companhia das Letras, 2010, Prêmio Rachel de Queiroz na categoria jovem autor, finalista dos prêmios São Paulo de Literatura e Jabuti), *O inventário das coisas ausentes* (Companhia das Letras, 2014) e *Com armas sonolentas* (Companhia das Letras, 2018). Seus livros já foram traduzidos para o inglês, francês, espanhol e alemão.

Em suas obras, Saavedra apresenta uma experimentação com a linguagem e uma investigação dos aspectos composicionais do romance, de modo a compreender como a literatura e os seus elementos constitutivos são arquitetados, a fim de

---

\* Entrevista de autores convidados.

\*\* Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

\*\*\* Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

\*\*\*\* Instituto Federal do Espírito Santo (IFES).

\*\*\*\*\* Secretaria de Educação do Estado do Mato Grosso.

problematizá-los. Assim, temos a problematização na forma-matriz do gênero romance que implica na ideia de ficção imbricada com a vida.

No ensaio “A esfinge diante do próprio enigma”, publicado em coluna no jornal *Rascunho* (n. 143, março de 2012), Carola Saavedra afirma que a ficção é do âmbito do mistério, que escapa à própria vontade do autor, que nunca tem controle total do resultado, pois “há sempre algo que lhe escapa, algo que ele diz e não sabe que diz, algo que não depende dele, mas de quem lê”. Nesse sentido, a opinião do autor seria importante, mas não a única, nem a definitiva. Partindo desse princípio, pedimos que ela nos respondesse as perguntas a seguir.

Esta entrevista foi realizada como atividade do projeto de extensão “Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas”, registrado na Universidade Federal de Rondônia sob a coordenação de Vitor Cei. Contando com a colaboração dos professores André Tessaro Pelinser (UFRN) e Letícia Malloy (UERN), o projeto é um esforço de mapear a produção literária brasileira do início do século XXI a partir da perspectiva dos próprios escritores.

**1. Você nasceu no Chile, em 1973, e mudou-se para o Brasil com três anos de idade. Morou na Espanha, na França e na Alemanha. Tem fluência em quatro idiomas, mas escreve ficção em português. Gostaríamos de saber como você compreende e experimenta o tema desta edição da Antares: “Estéticas diaspóricas em literatura: corpos, existências e linguagens em trânsito”. De que modo as migrações interferem em sua existência, em sua linguagem e estética literária?**

Trata-se de uma pergunta muito difícil de responder, mas vou tentar me aproximar de alguma forma. Acho que a sensação de não pertencimento foi um dos motivos de eu ter me tornado escritora, esse lugar indefinido, sempre em trânsito, que me fez olhar com mais atenção ao que me rodeava, desde criança, uma atenção de observador. Ao mesmo tempo, uma angústia enorme, porque eu me sentia extremamente só (do lado de fora). Eu me perguntava, quem sou eu se não pertencimento realmente (e ao mesmo tempo sim pertencimento!) a nada disso? A escrita (em língua portuguesa) foi a forma que encontrei para construir uma identidade, um chão onde pisar, um lugar onde me sinto “em casa”, bem no estilo a língua portuguesa é a minha pátria. Obviamente é uma construção, mas toda identidade é sempre uma construção. Como isso interfere em termos estéticos e de linguagem no meu trabalho? Difícil dizer,

em termos concretos, falar e ler em outros idiomas, me permitiu ter acesso a obras que não estão ou estavam traduzidas, e a literatura é sempre uma janela para o mundo lá fora.

**2. Cada escritora tem método e estilo próprios. A sua obra se pauta na experimentação da linguagem e na investigação dos aspectos composicionais do romance. Você poderia descrever as opções formais e temáticas que norteiam seu projeto literário?**

Eu vejo o romance como uma máquina, um mecanismo que, a cada livro, eu investigo, observo, esmiúço um pouco mais. Fico ali, trocando as peças de lugar, reorganizando sua estrutura até que ela funcione da melhor maneira possível. Nesse sentido a pergunta que me faço não é “o que narrar?” no sentido da história a ser contada, mas “como narrar?”, como narrar de modo a recriar no romance o mistério da nossa própria (in)comunicação. Ou seja, como narrar a vida da forma mais próxima possível da sua irrealdade. Para isso trabalho quase sempre com narradores não confiáveis, até porque a ideia de uma verdade “única”, acessível não passa de ilusão. Tudo é versão, tudo é subjetivo, estamos dentro dos acontecimentos, jamais fora deles. Então eu me interesso em intensificar esse aspecto, em torná-lo o eixo da narrativa. Agora, é claro que a história também interessa, os personagens, me preocupo que eles funcionem, que seu sofrimento seja verossímil, verdadeiro, se não houvesse esse desejo teria preferido escrever ensaios. Em resumo, busco um equilíbrio entre esses dois extremos (o romance experimental e a narrativa linear, tradicional)

**3. O seu trabalho de estreia foi em 2005 com o livro de contos *Do lado de fora*, publicado pela editora 7Letras. Em 2018 chega às livrarias *Com armas sonolentas*, seu sexto livro e quinto romance depois de *Toda terça* (2007), *Flores azuis* (2008), *Paisagem com dromedário* (2010) e *O inventário das coisas ausentes* (2014), todos publicados pela editora Companhia das Letras. Como você define a sua trajetória literária? Houve um momento inaugural ou o caminho se fez gradualmente? Em que momento da vida você se percebeu uma escritora?**

Há dois momentos inaugurais. O primeiro é o *Toda terça*, meu primeiro romance. Eu me vejo como romancista, é o formato que mais me interessa (apesar

de ser uma entusiasmada leitora de contos), a escrita do *Toda terça* foi um esforço intelectual e artístico imenso, eu estava ainda tateando, não sabia exatamente como escrever da forma que eu queria, como passar da ideia para algo mais concreto, assim, foi um livro muito difícil, muito sofrido. Mas quando ficou pronto, foi muito bonito, porque naquele momento eu finalmente entendi quem eu era, que tipo de escritora eu era, o que eu queria fazer. Porque até então eu sabia que queria ser escritora (soube desde que aprendi a ler), mas não tinha encontrado ainda o formato. Um segundo momento inaugural foi agora, com a escrita do último livro *Com armas sonolentas*. Até então eu vinha trabalhando de uma forma bem racional, sabendo exatamente o que eu pretendia fazer, onde queria chegar, até então tudo era muito pensado, muito planejado. Neste livro agora, o processo de escrita foi outro, trabalhei num espaço do não-saber, do mistério, do inconsciente, eu não sabia com clareza o que estava criando, que máquina era aquela, e o livro foi se dizendo na medida em que eu escrevia. De certa forma, abrir mão do controle foi como voltar a início, a esse momento do não saber. O resultado é um romance muito diferente de tudo o que eu já fiz, com um espaço grande para o fantástico, o sonho, o inconsciente, a desrazão.

#### **4. Pensando em sua trajetória de publicações, como você enxerga a abertura do mercado editorial brasileiro para novos escritores? Quais são os principais desafios para a edição de novas escritoras no Brasil de hoje?**

Acho que vivemos um momento muito difícil, por um lado a crise econômica que afeta diretamente o mercado editorial, e por outro o problema da representatividade na literatura brasileira, na qual mulheres, negros, indígenas, pobres e todo o Brasil fora do eixo Rio-SP está sub-representado tanto em termos de autores quanto de personagens. Nesse sentido acho o trabalho coordenado pela professora Regina Dalcastagnè de máxima importância. Há muitos dados ali que devem ser pensados a fundo por todos nós que trabalhamos com literatura. E o que mais me chama a atenção é o fato de quase nada haver mudado nos últimos 30 anos. Para dar só um exemplo, segundo os números atuais, entre 2005 e 2014 somente 29,4% dos romances publicados foram escritos por mulheres (entre 1990 e 2004 eram 27,3%, ou seja uma crescimento mínimo!). A pergunta é por quê? – por que a mulher ganha menos? Por que é menos lida? Por que tem que cuidar sozinha dos filhos e da casa? Por que não tem apoio? Por que é menos considerada pelos prêmios literários?

**5. O leitor tem um papel significativo em suas narrativas, sendo convidado a compreender o fazer literário através do divã, das cartas ou do gravador. Não obstante, como lemos em *Flores azuis*, “sem nunca alcançá-lo realmente”. O que você espera do leitor? Ou, para usar um conceito de Wolfgang Iser, quem é o seu leitor implícito (estrutura do texto que antecipa a presença do receptor)?**

Sim, o leitor é importantíssimo, ele é uma espécie de coautor, sem ele, sem sua contribuição, o texto não funciona. E o que eu faço é intensificar ainda mais esse papel, ou seja, se ele não unir os diversos fios soltos não há enredo, ao menos não um enredo identificável, há apenas fragmentos.

**6. Seus livros já foram traduzidos para o inglês, francês, espanhol e alemão. Como foi alcançar o mercado editorial para além do Brasil? Como você vê a recepção de sua obra, no Brasil e no exterior?**

Foi uma experiência riquíssima porque nos obriga a olhar para o leitor permeado por um idioma que não é o nosso, por uma visão de mundo às vezes muito distante. E perceber que mesmo assim a mágica funciona, há uma ponte que se estende. Fora isso o que essas traduções me deram, e não só as traduções, mas também as viagens literárias que elas possibilitaram, foi uma visão mais geral, mais panorâmica do meu trabalho, o que me ajudou muito a compreender por qual caminho eu queria seguir dali em diante.

**7. Desde o início, sua produção literária recebeu avaliações positivas. Você recebeu o Prêmio APCA de Melhor Romance por *Flores Azuis* e o Rachel de Queiroz na categoria Jovem Autor por *Paisagem com dromedário*, ambos também foram finalistas do Prêmio São Paulo de Literatura e do Jabuti. Ademais, fez parte da antologia *Os melhores jovens escritores brasileiros*, com o conto “Fragmentos de um romance”, publicada pela revista literária inglesa *Granta* e editada no Brasil pela *Alfaguara*. De que maneira as premiações influenciaram o reconhecimento da sua literatura? Como você avalia o papel dos prêmios literários no cenário brasileiro?**

As premiações são importantes, não por elas terem um valor em si mesmas (quase sempre é uma questão de sorte, de estar no lugar certo na hora certa), mas pelo que elas proporcionam: convites para eventos, mais leitores, interesse de

editoras fora do país, interesse maior dos grandes jornais etc., o que, por sua vez dá ao escritor melhores condições para trabalhar no próximo livro.

**8. Entre 2005 e 2006 você publicou microcontos no blog *Escritoras Suicidas*, em 2012 manteve uma coluna no jornal *Rascunho* e desde 2016 mantém uma coluna na revista *Pessoa*. Em que medida a obrigatoriedade de manter um exercício de reflexão constante em um espaço como o de um blog, jornal ou revista pode contribuir para o fazer artístico?**

Não vejo isso como uma obrigação, escrevo sempre por prazer, por vontade de dialogar. Mas como é algo que pode tirar um tempo precioso que deveria ser dedicado ao livro, me dedico a esse tipo de texto somente na entressafra, nesse espaço de renovação de ideias entre um livro e outro. Contribui para o fazer artístico no sentido em que me ajuda a aprofundar certas ideias e a pensar de modo mais eficiente a literatura que quero fazer.

**9. “O trabalho do tradutor é um dos mais ingratos que existem”, você afirma em “Bestiários” (*Rascunho*, n. 14, fevereiro 2012). Você vê traços em comum entre a tradução (como você a pratica) e a escrita autoral?**

O bom tradutor é sempre um escritor, não há um sem o outro. Não adianta falar uma língua, e até mesmo compreender uma cultura, se não formos capazes de pensar em termos de um fazer literário. Claro que o tradutor está preso a um texto, mas isso não significa que não haja liberdade, basta comparar várias traduções de um livro num mesmo idioma. Agora, quando digo que é um trabalho ingrato, me refiro à remuneração, é um trabalho que exige uma preparação complexa, de muitos anos (você tem que no mínimo dominar a língua e a cultura da qual traduz, além de um manejo literário do próprio idioma), e paga um valor baixíssimo em troca, por isso costumo falar que a tradução é um crime que não compensa.

**10. *O inventário das coisas ausentes* (Companhia das Letras, 2014) tem histórias paralelas – podemos considerá-las contos e microcontos? – que interrompem a narrativa central do *Caderno de Anotações* (se é que podemos falar de “centro” na narrativa). Quais são os papéis que essas histórias paralelas exercem na (des)continuidade do romance?**

A ideia é recriar na primeira parte (Caderno de anotações) o processo criativo de um escritor. Quando começamos a pensar num livro reunimos muitas ideias, às vezes muitas histórias possíveis, imagens que rondam a nossa mente, diálogos etc. Mas quando passamos a escrever o livro em si (quando passamos para a ficção), tudo aquilo que planejamos acontece de outra maneira, personagens que nos pareciam importantíssimos desaparecem, enquanto outros, que estavam em silêncio até então vêm à tona. O Inventário é um livro sobre isso, sobre o mistério da criação, e se faz a pergunta: como surge a ficção?

**11. O que você acha dos escritores brasileiros contemporâneos? Ou, afastando a pergunta de nomes específicos, para pensar a literatura brasileira atual como um todo: o que você vê? Gostaríamos que você comentasse sobre suas principais inquietações e estímulos em face da produção literária brasileira contemporânea.**

Acho a literatura contemporânea incrível, tem muita, mas muita gente escrevendo coisas de altíssimo nível, o problema é que a crise pode, cada vez mais, apertar o funil que já é bastante estreito, e aqueles que estão começando e não se encaixarem nas exigências do mercado terão cada vez mais dificuldades. Minha esperança, em termos gerais, são as pequenas e médias editoras, talvez com mais liberdade para outro tipo de aposta.

**12. Historicamente, presenciamos um opressor silenciamento da voz da mulher. Em abril de 2018 você iniciou uma nova coluna na revista *Pessoa* sobre as vozes femininas que estão fazendo a literatura brasileira. Como o machismo presente em nossa sociedade afeta a sua escrita?**

Sim, o machismo me afeta das mais diversas formas, não só a mim, mas a todas as mulheres que escrevem: para começar nos afeta em nossas escolhas literárias, se eu cresço num mundo em que o cânone é predominantemente masculino, a visão de mundo que me é passada pela literatura é uma visão masculina. E se escrevo a partir do que li, é claro que vou reproduzir de alguma forma essas leituras. Minha principal questão é como falar daquilo que foi silenciado, o corpo da mulher, por exemplo, a literatura raramente fala do desejo feminino (ela é quase sempre objeto), de gravidez, parto, aborto, menstruação, menopausa, amamentação, relação mãe e filha, ou seja, temas que são parte do mundo da mulher. Meu livro

agora, o *Com armas sonolentas* é minha tentativa de encontrar respostas para isso, como falar da mulher, do corpo e do desejo da mulher a partir de uma tradição literária em que as mulheres são minoria.

**13. Você está escrevendo algum livro no momento? Tem projetos que envolvam outras linguagens?**

No momento estou trabalhando no projeto de pós-doutorado que é um estudo comparativo das personagens femininas em Hilda Hilst e Elfriede Jelinek.

**14. Seus romances abordam a ausência de amor, ou o amor como força desestruturadora, a dificuldade de formar vínculos afetivos e o processo de falência da comunicação interpessoal. Atualmente, no Brasil e no exterior, vivemos a ascensão de uma onda reacionária que traz em si matizes racistas, fascistas, misóginos e homofóbicos. Gostaríamos que você nos ajudasse a compreender: onde estava guardada tanta monstruosidade? Houve um ponto ou marco crucial para a detonação de uma circunstância como esta que vivemos hoje? O que você imagina ou espera como coda do atual estágio da humanidade?**

A monstruosidade está guardada em nós, sempre em nós, essa é a nossa maior tragédia. Rousseau acreditava no mito do bom selvagem, ele achava que o ser humano era bom por natureza e que a sociedade o corrompia. Já Freud inverte essa equação e diz, o ser humano (assim como a natureza) é amoral (capaz das coisas mais horríveis), e como ele funciona no âmbito da linguagem, é a sociedade que controla seus impulsos. Eu concordo totalmente com Freud, claro. Só que, como ele mesmo diz, os mecanismos sociais nem sempre funcionam (basta pensar nas guerras do século XX, nas ditaduras latino-americanas). Quanto a haver um marco, nós não mudamos, o que mudou foi a força das coisas, tudo agora é mais urgente (o aquecimento global, o uso das mídias sociais, etc.). Então nosso dever é nunca esquecer, nunca esquecer quem somos, do que somos capazes, é preciso cada vez mais lembrar e lembrar (e tornar consciente), porque só a memória e a consciência podem nos salvar de nós mesmos.